

**FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA E MEMÓRIA SOCIAL NO DISCURSO
SILENCIADO DAS MARISQUEIRAS DE PASSÉ**

Uilma Rodrigues de Matos¹

Regina Lúcia Portela²

Resumo: Trabalhar educação em comunidades de “saberes tradicionais” na perspectiva do protagonismo social articulado a formação de estudantes universitários, significa apoiar-se em referenciais interdisciplinares e multirreferenciais. Escutar e dialogar com as trabalhadoras da pesca tradicional, as marisqueiras de Passé, mulheres silenciadas pelas condições do contexto em que vivem, constituiu-se num desafio epistemológico para uma disciplina de ACCS ofertada pela Faculdade de Educação da UFBA. A troca de saberes entre universidade e comunidade resultou na construção coletiva de um projeto educativo cultural de empoderamento, materializado na produção de um livro autoral com as narrativas das mulheres envolvidas, visibilizando a mariscagem como um saber fazer que, patrimônio cultural local, necessita ser preservado.

Palavras-chave: Formação Universitária, Marisqueiras, Memória Social.

Introdução

O direito de dizer a palavra parece ser uma questão resolvida na contemporaneidade, mas diante do atual contexto marcado pela preeminência dos cenários tecnológicos, a hierarquização dos conhecimentos e saberes, a globalização da economia capitalista que evidencia relações desiguais com as culturas locais, e em geral por práticas que naturalizam formas de subordinação, desenvolver processos educativos vinculados aos contextos sociais e culturais das comunidades é hoje uma prioridade.

A prática educativa, como prática dialógica que mantém na reflexão uma constante e contribui para a leitura do mundo, tem lugar quando os partícipes do ato educativo estabelecem relações de intercâmbio num permanente ato de conhecimento onde problematizar é o exercício imutável.

Evidentemente, nesta compreensão do educar, o direito de dizer a palavra é uma realidade do processo através do qual se desenvolve uma dinâmica que alcança

¹ Universidade Federal da Bahia – Brasil – uilma@ufba.br

² Universidade Federal da Bahia – regina.portela@yahoo.com.br

mudanças na própria realidade, pois segundo Freire (2005) “é um encontro em que se busca o conhecimento” a partir do diálogo interminável.

Nesta perspectiva, o trabalho apresentado refere-se a uma práxis de troca de saberes com o objetivo de articular formação de estudantes de graduação nos processos sócio educacionais com uma comunidade de pesca artesanal com vistas à produção de conhecimento, problematizando o contexto social e desses trabalhadores, suas práticas e saberes nos territórios da cultura, histórias, memórias e protagonismo social. A partir da oferta do componente Curricular Ação Curricular em Comunidade e em Sociedade - ACCS, destinado a todos os cursos da Universidade Federal da Bahia – UFBA -, em sua dimensão de extensão universitária.

Após informações levantadas e disponibilizadas anteriormente pelo Programa de Extensão MEC/SESU com o apoio dos Ministérios da Educação, da Cultura e da Pesca, 2010/2011, intitulado *Maré de Saberes* da Faculdade de Educação, que teve como objetivo estabelecer diálogos entre Universidade e setores da sociedade demandantes de direitos sociais com a ênfase na alfabetização de jovens e adultos no universo de pescadores e marisqueiras, foi elaborada a proposta do componente curricular ACCS a partir dos dados já existentes.

Embasados no compromisso e no papel social da universidade o componente *EDCH08 - ACCS - Práticas Educativas em Educação de Jovens e Adultos e Desenvolvimento Humano, em Comunidades Tradicionais: marisqueiras de Passé Candeias*, ofertado nos anos de 2012 e 2013, despertou interesse em alunos de pedagogia medicina, ciências da computação, bacharelados em Artes e em saúde, nutrição e letras.

A escolha do local seguiu os critérios práticos operacionais visto que tratava-se de uma comunidade em que tínhamos atuado anteriormente no programa *Maré de Saberes*, além de sua localização ser próxima de Salvador (60 km.), o distrito de Passé situado na cidade de Candeias, localizado na Baía de Todos os Santos. Terras que datam do século XVI, quando abrigavam alguns engenhos de cana de açúcar, logo a grande

maioria da sua população atual de mais de duas mil famílias³, ser descendentes de negros escravizados.

Neste distrito existe uma vasta área de floresta de manguezal, propícia a pesca artesanal. É nesse manguezal que a população, carente e na maioria mulheres, retira o seu sustento para o consumo doméstico e/ou comercialização. As atividades do ACCS foram desenvolvidas nas dependências da Colônia de Pescadores e Aquicultores Z54 de Passé Candeias.

Sob a bainha da maré

A vida das mulheres marisqueiras, trabalhadoras da pesca tradicional, sempre foi marcada por grandes dificuldades, seja pelo esforço físico de seu trabalho caracterizado por extensas caminhadas no lodaçal do mangue, seja pelo longo tempo em que permanecem na catação do marisco, o que causa sérias doenças ocupacionais, seja pela baixa remuneração na comercialização dos produtos coletados no mangue, o que acarreta a sua desvalorização, refletindo negativamente na auto-estima dessas mulheres.

Um fazer transmitido de mãe para filha, como são as aprendizagens que se constituem em saberes pouco valorizados socialmente, como são as atividades domésticas, manuais e a própria coleta de mariscos, resultado de um processo histórico ligado ao Patriarcado (ENGELS, 2002) que culmina na divisão sexual do trabalho e consequentemente na opressão da mulher que, “ [...] Por ser tão comum, a ponto de parecer um fato da vida, natural ou pelo menos imutável, esse pano de fundo é, muitas vezes, invisível.” (CRENSHAW, 2002, p. 176)

A situação da mulher nesse cenário torna-se particularmente mais dramática visto que historicamente a trajetória dessas marisqueiras negras e em sua maioria, excluídas da escolarização básica, conta uma história de invisibilidade, subalternidade e silenciamentos.

Desprovida de qualquer tipo de realização, a profissão de marisqueira passou a ser reconhecida para fins previdenciários a partir de 2006⁴, o que não afastou o estigma

³ Fonte de dados: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=292950>

⁴ www.camara.gov.br/sileg/integras/379984.pdf - site visitado em 10/04/2016.

de tarefa de mulher socialmente representada como um trabalho desvalorizado e não significativo nas esferas sociais.

A Universidade e o Manguê na troca de saberes

Os processos de formação dos estudantes universitários reclamam cada vez mais propostas orientadas a transcender enfoques disciplinares e a vincular aos jovens aprendizes com o mundo da vida, a realidade social na que estão vinculados. Diante disso, a vinculação de estudantes de diferentes programas de graduação em torno de uma Ação Curricular em Comunidade e em Sociedade, configura-se como um espaço de formação na prática que contribui para consolidar cenários de construção e difusão de conhecimentos baseados no diálogo com a comunidade.

Nesta perspectiva, o diálogo entre a academia com a comunidade de saberes tradicionais, passa a ser entendido como formas de organização vinculadas pelos interesses no saber-fazer concreto, mediado pela troca de conhecimentos e saberes em que o respeito pelo outro, pela palavra e também pelo silêncio configuram fatores importantes para “escuta sensível” (BARBIER,1993).

Para Boaventura de Sousa Santos (2008) uma comunidade de saber é um mundo de vida alimentado por um saber comum onde o conhecimento se produz e aplica,

Cada contexto é um espaço e uma rede de relações dotadas de uma marca específica de intersubjetividade que lhes é conferida pelas características dos elementos que o constituem entre eles a unidade da prática social, a forma institucional, o mecanismo de poder, a forma de direito e o modo de racionalidade. (op.cit. 151)

A colônia de pescadores de Passé é compreendida como comunidade de saberes, interlocutora legítima nesta troca com a Universidade, no caso a UFBA.

Amparando-se em aportes da *Ecologia de Saberes* de Boaventura de Sousa Santos, para buscar o equilíbrio na relação entre conhecimentos e saberes das práticas sociais e os gerados pela ciência e na academia. O ACCS EDCH08 insere-se no exercício de relações dialógicas mediadas por aprendizagens recíprocas.

Do mesmo modo, nosso trabalho considerou a perspectiva dos Estudos de Gênero (SAFFIOTI, 2004; SCOTT, 1991), conscientes da relação de dominação

histórica engendradora nas relações entre homens e mulheres tanto no espaço doméstico, de produção ou de relações sociais, quanto em seus processos complexos e subjetivos. A importância dos estudos de gênero se localiza na possibilidade de contar com matrizes compreensivas dos conflitos produzidos historicamente tanto no âmbito local como global.

Entende-se que o contexto cultural, a vida cotidiana dessas marisqueiras efetiva-se espaços privilegiados para o estudo e a compreensão de muitos aspectos das subjetividades das suas práticas. Mas, afinal, qual a metodologia mais eficaz para interpretar as realidades na perspectiva das construções de protagonismos dessas marisqueiras?

A etnopesquisa surgiu como uma metodologia privilegiada por evidenciar-se uma ciência empírica que analisa e estuda um mundo também empírico, em que o conhecimento é processual e, por este motivo, é interminável e constante (MACEDO, 2004).

Tornou-se de suma importância perceber e dissociar a observação do ato mecânico de registro pois ainda segundo Macedo (2004), a etnopesquisa é um instrumental que estabelece a mediação entre o sujeito da ação em sua relação com o objeto pesquisado. A interpretação, nessa perspectiva, é o resultado sempre inacabado de uma dialética contínua que surge nas interações sociais, sendo que a melhor forma de compreender os diferentes fenômenos é estar com eles, vivenciar o universo de suas práticas, o que se configura de importância fundamental na compreensão do outro e de nós mesmos.

O desafio passou a ser articular a etnopesquisa enquanto instrumento metodológico e suas etapas, ao universo das marisqueiras, seu cotidiano, seus saberes, conhecimentos, cultura e memória social nos seus múltiplos processos de produção e articulação de lembranças e esquecimentos em íntima conexão na construção das memórias nos diversos domínios da sua prática social.

A observação participante, pressuposto essencial para a etnopesquisa, se constituiu como recurso qualitativo de base argumentativa e epistemológica, já que as ciências sociais resultam de produções intelectuais da humanidade, relativas às

necessidades objetivas do local e do tempo. O contexto cultural observado e refletido é fundamental para compreender as ações sociais, sem, contudo, deixar de levar em conta as peculiaridades relativas às qualidades de interpretação do pesquisador, (LUDKE E ANDRÉ 1986, apud MACEDO 2004, p. 144.) afirma:

[...] supõe o contato direto do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada; os dados da realidade são predominantemente descritivos, e aspectos supostamente banais em termos de status de dados são significativamente valorizados.

Compreender cultura e memória social implica entender o seu contexto e a produção do saber que se efetiva nas relações sociais. Evoca Paulo Freire (1995) na sua denominação de uma “pedagogia da resposta” que enfatiza a importância do ouvir caridoso e ritualístico, fugindo do senso comum que tais denominações suscitem, pois segundo Macedo (2004, p.198) cabe associar a Freire à *escuta sensível* de Barbier, já que se trata de uma "uma escuta dialética e dialógica, uma empatia dialética e dialógica, uma autêntica ausculta, porque visceral.", o que torna pertinente utilizar a etnopesquisa como um potencial reflexivo e formativo para a prática compreensiva e transformadora implicada com o fortalecimento da cidadania e da democratização de saberes e conhecimentos.

O componente curricular EDCH08 articulou-se a três eixos estruturantes assim instituídos: conhecimento institucional – que levou em conta o contexto e o conteúdo do trabalho das marisqueiras, suas demandas, tendo como objetivo relacionar condições particulares da comunidade com processos de ensino propostos pelas instituições dedicadas a educação formal (alfabetização, letramento, oralidade, escrita, produção textual, competências iniciais de ensino fundamental e médio). A oralidade fundamentou a práxis baseada em Freire (1982).

Compreender o processo de educação de adultos como ato de conhecimento, portanto ato cultural para a libertação, é compreender também a partir de Freire (1982: 48) que o conhecimento institucional deve ter como base as experiências populares, pautado na flexibilidade e relatividade da diversidade dos saberes, onde os educando possam assumir o papel de sujeitos cognoscente em diálogo com o educador, também sujeito cognoscente.

Gênero e memória social - estes eixos propuseram ampliar a reflexão na perspectiva de gênero possibilitando às mulheres marisqueiras o reconhecimento da importância do seu papel para desenvolvimento pessoal, familiar, comunitário, neste propósito a ativação da memória constituiu um dispositivo de empoderamento para o desenvolvimento de projetos culturais, de histórias de vida, local e regional.

Entendendo que é na arte da pesca, na tradição do saber fazer, da oralidade, na cotidianidade e nos ritmos da maré que as marisqueiras constroem formas de olhar e habitar seu mundo, embora não expressem reconhecimento, nem valoração pelo saber fazer que desenvolvem durante a mariscagem.

De acordo com Freire (1970) o ato de assumir o compromisso com educação libertadora e com a educação de adultos é libertador pois trata-se de um ato político e de conhecimento.

Começarei afirmando ou reafirmando que, se não superamos a prática da educação como pura transferência de um conhecimento que somente descreve a realidade, bloquearemos a emergência da consciência crítica, reforçando assim o analfabetismo político. Temos que superar esta espécie de educação se nossa opção é realmente revolucionária - por outra, em que conhecer e transformar a realidade são exigências recíprocas. Há um ponto de fundamental importância a ser sublinhado na superação da prática educativa domesticadora pela libertadora. Refiro-me à impossibilidade de uma real práxis libertadora se o educador segue o modelo “domesticador”. (Op. cit. pag 92).

A educação das mulheres trabalhadoras da pesca em Passé neste trabalho foi compreendida como educação libertadora para o empoderamento, portanto individual e coletiva, com o propósito de formar cidadãos com consciência local e planetária, promovendo diálogo e respeitando a diversidade.

Sob essas premissas foi iniciado o trabalho de troca de saberes na Comunidade de pesca artesanal no Município de Passé, pressuposto fundamental para a formação dos estudantes que assumiram o compromisso com a educação do grupo de mulheres buscando compreender o valor e o lugar da educação para e em Comunidade.

E da conversa se fez o livro

Diante da quantidade de material coletado ao longo das atividades com as marisqueiras, a equipe de pesquisadoras⁵, decidiu sistematizar os dados e retornar a comunidade com as informações levantadas com o intuito de ouvir a demanda emergente da colônia Z54. Surge nesse momento, a partir do desejo das marisqueiras, a vontade expressa de escrever o livro.

Passou a ser uma prioridade para essas mulheres escrever as suas memórias, histórias de vida, como também as revelações do significado para cada uma delas sobre o sentido da mariscagem e como foram introduzidas na pesca; constituiu-se num compromisso da equipe e delas, a fim de deixar um registro de tudo que fizemos desde então, “para que a história das mulheres marisqueiras de Passé Candeias seja conhecida e utilizada pelos mais jovens da comunidade e fora dela.” Como bem nos disse Maria Cecília, liderança do grupo de mulheres da Colônia Z54.

Nosso esforço voltou-se para organizar todo o material produzido pelas marisqueiras, mesmo com as dificuldades expressas por algumas mulheres diante da leitura e escrita, vencidas com a oferta de oficinas temáticas, como literatura, fotografia e sensibilização artística. Os escritos das marisqueiras foram digitados, organizados e encaminhados para edição do livro.

Dar significado às narrativas desse grupo feminino de trabalhadoras da pesca artesanal, tentando compreender e estimular o percurso da sua escolaridade como meio de desenvolvimento e formação humana, combinando a educação dos filhos e o papel tradicional da mulher, mãe e trabalhadora, constituiu-se num desafio teórico e metodológico a ser experimentado, usando a criatividade e o compromisso com a educação popular na sua essência.

Compreender o lugar da educação para essas mulheres a partir de suas narrativas foi o desafio condutor do ACCS e que prosseguimos para a conclusão do livro escrito por elas. Utilizando-se de estratégias de desenvolvimento humano a partir das falas, algumas silenciadas pelas condições do contexto em que vivem, optou-se como

⁵ Uilma Rodrigues de Matos (Coordenadora), Regina Lúcia Portela (monitória voluntária)

atividade central e geradora de aprendizagens, a construção de centros de interesses, gerador de conhecimento e aprendizagem, como ponto de construção e desconstrução de conhecimentos, das suas demandas, ressignificando os conteúdos próximos aos contextos de trabalhos e da vida cotidiana dessas mulheres.

Todo o trabalho para o empoderamento da mulher marisqueira de Passé foi baseado nos princípios da oralidade como fundamento essencialmente de uma práxis dialogada em acordo com Freire (1982:49).

Expressar o pensamento se fez assim uma oportunidade para que as mulheres marisqueiras percebessem o que realmente significa “dizer a palavra”: um comportamento humano que envolve ação e reflexão. “Dizer a palavra em um sentido verdadeiro, é o direito de expressar-se e expressar o mundo, de criar e recriar, de decidir, de optar. Como tal, não é o privilégio de uns poucos com que silenciam as maiorias.”

O medo de falar e a timidez das mulheres, a compreensão da educação não formal e informal tornou-se a estratégia e substrato usado para promover o estímulo da sua oralidade por meio de oficinas/dialogadas para a produção do livro tomando como centro de aprendizagens geradoras das condições de emponderamento.

A decodificação das narrativas das marisqueiras foram traduzidas com apoio do referencial do dispositivo teórico da Análise do Discurso – AD - tomando de empréstimo o que diz Orlandi (2003) sobre o dito e o não dito na produção das falas dos sujeitos em situação de submissão e dos sujeitos do discurso ideológico autoritário e dominante.

A autora mostra que para responder ao que interroga é necessário um deslocamento de terreno e constituir outra região teórica em que a relação entre o sócio-histórico e o linguístico é constitutiva. Ou seja, o que liga o dizer a sua exterioridade constitui o próprio dizer.

Da proposta Freireana subtraímos todo arcabouço do universo vocabular dos educando de Freire e reutilizamos agora a partir do dispositivo de AD, incorporado pelos estudos linguísticos e identificados nas narrativas das marisqueiras.

Um dos recortes teóricos apontados pela autora é a relação língua e discurso e destaca que “nem o discurso é visto como uma liberdade em ato, totalmente sem

condicionantes linguísticos ou determinações históricas, nem a língua como totalmente fechada em si mesma, sem falhas ou equívocos” (p. 22).

A análise não se restringe à interpretação em si, tampouco procura uma chave para isso. Neste ponto de vista teórico, não existe verdade oculta em quaisquer textos ou discursos. O que há são gestos, pausas, entonações da voz, e outras marcas da oralidade de interpretação que o analista deverá buscar compreender.

A explicitação da relação entre o dispositivo teórico da AD e os dispositivos analíticos, pode ser compreendida, tomando o enunciado das narrativas das marisqueiras: “poucas pescadoras dirigem um barco porque tem medo”, o qual pressupõe sua própria negação; alguém tem medo de dirigir barcos mas tem algumas que tem coragem.

Com base no dispositivo da AD, as falas, os silêncios das marisqueiras, os gestos durante as oficinas foram marcas para buscar no dispositivo e suporte teórico a interpretação do cotidiano dessas mulheres. A partir desse referencial, foram apresentadas novas proposições, atividades e encadeamento de ações que culminavam na escrita.

Pelas suas narrativas foi possível compreender, a negação dessa cidadania, o que não lhes permitiu reflexões mais profundas, fazendo assim identificar no conformismo e na aceitação da vontade superior a condição de subalternidade, o que nos mobilizou a utilizar como estratégia as oficinas com o intuito de problematizar o lugar que ocupa a marisqueira podendo assim, potencializar a expressão de um discurso feminino visível, enfatizando o empoderamento e a valorização da mulher trabalhadora da pesca na perspectiva da escrita do livro.

A escrita do livro, funcionou como um dispositivo que teve como objetivo valorizar e legitimar os conhecimentos produzidos pelas marisqueiras, constituindo-se num dos eixos centrais na discussão das relações de poder/saber menos hegemônicas às impostas pelas formas clássicas de produção de conhecimento científico da modernidade que privilegia uns conhecimentos e descredencia outros (CANCLINI, 2008).

Para Boaventura de Sousa Santos uma comunidade de saber é um mundo da vida alimentado por um saber comum onde o conhecimento se produz e aplica pois,

[...] cada contexto é um espaço e uma rede de relações dotadas de uma marca específica de intersubjetividade que lhes é conferida pelas características dos elementos que o constituem entre eles a unidade da prática social, a forma institucional, o mecanismo de poder, a forma de direito e o modo de racionalidade. (SANTOS, 2008, p. 151)

Para Freire (1982) “toda prática educativa implica numa concepção de seres humanos e do mundo.” (op.cit. p.42). Com esse pressuposto, identificamos e construímos projetos educativos a partir das ações de extensão da UFBA e que foram desenvolvidas na comunidade de marisqueiras de Passé Candeias, dessa forma assumindo o duplo papel de formar para uma educação nova os futuros profissionais e empoderando as mulheres trabalhadoras da pesca tradicional, estabelecendo assim uma verdadeira troca de saberes.

Entendendo a extensão universitária no seu papel de valorizar as diferentes formas e tipos de conhecimento, compreendendo que o conhecimento acumulado por todos não deve ser patenteado ou monopolizado. Essa educação deve estimular e potencializar mudanças, promovendo oportunidades democráticas de base que estimulem as marisqueiras e os estudantes universitários a se reconhecerem enquanto sujeitos ativos e participantes sociais, capazes de resolver conflitos de forma justa e humana.

Sendo assim, o conhecimento deve ser capaz de promover a cooperação e o diálogo entre indivíduos e instituições com a finalidade de criar novos modos de vida, sem distinções étnicas, físicas, de gênero, idade religião e classe social.

Algumas Conclusões

A educação para um mundo novo atual e sustentável nos alerta para essa nova forma de propor projetos educativos para comunidade de saberes tradicionais e outras comunidades baseadas na concepção de Freire que já nos anos 70 nos advertia sobre a educação de um ponto de vista crítico, compreendida como aquela em que pela

desmitologização da realidade, se ajudem educandos e educadores na superação do analfabetismo político.

Compreendendo a definição ou definições conceituais não como coisa dada, definida, principalmente, compreendendo que todo ato ou escrita de temas não deve ser tomado apenas como ato narrativo visto que a realidade se move e se modifica.

Entendemos que momento exato em que registramos as narrativas das marisqueiras de Passé, foram surgindo algumas pistas para conclusões, ainda que provisoriamente, sobre o processo de formação universitária e de pesquisa-ação em comunidades de saberes tradicionais a partir dos aportes a seguir registrados.

Dentre eles podemos ressaltar que a educação torna-se um instrumento privilegiado para se pensar o espaço social organizado e instituído, um espaço de atuação e de possibilidades de interferências seja na vida privada, na escola, no trabalho ou na vida pública.

A contribuição da educação no processo de desconstrução das desigualdades torna-se a premissa básica para reconhecer como o lugar das identidades diversas são oportunidades de crescimento e não fundamento da discriminação.

O empoderamento das mulheres torna-se valiosos para a valorização e desenvolvimento de habilidades e competências possibilitando a construção de protagonismos.

A experiência de fortalecimento dos direitos na condição de mulheres, cidadãs, em condição de produção de discurso próprio e legítimo, tanto para comunidade de marisqueiras, como para comunidade de mulheres vinculadas a UFBA (estudantes e professoras), permeou todo o processo desse percurso formativo.

A participação de estudantes de vários cursos interconectando áreas de conhecimentos diversos, envolvidos na mesma ação pode ser uma pista para experimentar a formação multidisciplinar enriquecendo ainda mais o percurso formativo na universidade.

A participação das mulheres nas discussões das violações dos direitos da mulher oportunizou o entendimento das diversas e diferentes vulnerabilidades que as sobrepõe, ainda que muito timidamente.

Essa experiência também atendeu ao interesse de dar voz a mulher e reconhecer a sua narrativa silenciada por processos que naturalizam o esquecimento do outro, neste caso as mulheres da pesca artesanal de Passé Candeias iniciaram seu processo de descoberta e libertação.

O papel desempenhado por essas mulheres através da narrativa de seus fazeres, representou um espaço em que circulam etnosaberes, conhecimentos tradicionais e taxonomias, que fazem parte do patrimônio intangível. O fazer das marisqueiras configura-se como uma ação política e cultural que resulta na construção de uma memória social e consequentemente de identidades coletivas, visto que advém de um saber adquirido na relação com a outra, pelo exercício da prática e da memória. Segundo Freire (1987),

Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão, mas se dizer a palavra verdadeira que é trabalho que práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Precisamente por isso ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizer-la para os outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais. O diálogo é este encontro dos homens mediatizados pelo mundo para pronunciá-lo, não se esgotando portanto, na relação eu-tu.

Dessa forma as narrativas das marisqueiras mediatizadas pela proposta da dialogicidade de Freire pode ser compreendida como o arcabouço teórico que deu sustentação ao desenvolvimento de projetos de educação que estimularam e potencializaram possíveis mudanças. Promovendo oportunidades de reconhecimento dessas mulheres enquanto sujeitos ativos e participantes sociais capazes de reconhecer e valorizar a sua prática como um saber fazer na perspectiva do protagonismo feminino.

Tais reflexões mobilizaram o grupo de marisqueiras e estudantes para o reconhecimento da prática de mariscagem como uma técnica, um saber construído na coletividade, fonte de conhecimento tradicional. Possibilitando a mulher marisqueira reconhecer-se como promotora de saberes e possuidora de um patrimônio para a sua comunidade.

O fazer das marisqueiras configura-se como uma ação política e cultural que resulta na construção de uma memória social e consequentemente de identidades coletivas, visto que advém de um saber adquirido na relação com a outra, pelo exercício da oralidade com a finalidade de criar novos modos de vida.

REFERENCIAS

BARBIER, René. A escuta sensível em educação. In: **Cadernos ANPED**. Niterói N. 5 . Set. 1993, p. 187-216.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. São Paulo: Bertrand, 1999.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Latino-americanos à procura de um lugar neste século**. Trad. Sérgio Molina. São Paulo: Iluminuras, 2008.

_____. **Diferentes, desiguales y desconectados. Mapas de la Interculturalidad**. Barcelona, Gedisa. 2004.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero**. Estudos feministas, Florianópolis. Ano 10, 1º semestre. 2002. p.171- 188.

ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. Trad. Ruth M. Klaus. São Paulo: Centauro, 2002.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

_____. **Pedagogia do Oprimido**, 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Educação como Prática de Liberdade**. 6ª edição. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1982.

JODELET, Denise. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: UNICAMP, 1996.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação**. Brasília: Liber Livro Editora, 2010.



_____. **A Etnopesquisa crítica e Multirreferencial nas Ciências Humanas e na Educação.** Salvador: EDUFBA, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **La educación desde la comunicación.** Bogotá, edit. Norma. 2003.

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos.** Pontes. Campinas, São Paulo: 2003.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. (p. 777 – 821). **Em Conhecimento prudente para uma vida decente.** São Paulo: Cortez Editora, 2006.

_____. **A universidade do Século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória.** São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência** (vol. 1 de Para um novo senso comum: a ciência e a política na transição paradigmática). São Paulo: Cortez, 4ª edição. 2002.

_____. **Introdução a uma ciência pós-moderna.** Rio de Janeiro: Graal, 3ª edição. 2000.

SCOTT, Joan W. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica.** Recife: SOS Corpo, 1991.

SIMONDON, G. **Imagination et Invention.** Paris: La Transparence, 2010.